

CAPÍTULO 22

O MANEJO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM AMBIENTES HOSPITALARES

Michelle Madalhana Rivelli Rodrigues

Advogada e Bacharel em Direito (UNILAGO); Graduada em Psicologia (UNIRP); Especialista em Neurociência Criminal e Comunicação Não-Verbal (UNYLEYA); Especialista em Criminologia (UNYLEYA); Pós graduanda em Psicopatologia (FLNC). ORCID <https://orcid.org/0009-0007-6262-4045>

Tiago Moreno Lopes Roberto

Graduado em Psicologia e Pedagogia; Mestre em Psicologia da Saúde, Especialista em Saúde Mental, Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Doutorando em Ciências da Saúde (FAMERP), Gestor de Políticas Acadêmicas da Faculdade FUTURA, Docente no Curso de Psicologia e Odontologia (UNIRP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5689-7468>

Elimeire Alves de Oliveira

Mestre em Ensino e Processos Formativos (UNESP) Especialista em Gestão Escolar (UNICAMP). Especialista em Tutoria Em Educação à Distância e Docência do Ensino Superior (Faculdade FUTURA -Grupo Educacional FAVENI) Graduada em Direito (UNIFEV). Graduada em Pedagogia (Faculdade de Antônio Augusto Reis Neves). Graduada em Letras (UNIFEV) Docente e Coordenadora do Curso de Pedagogia na Faculdade FUTURA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4672-6013>

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado principalmente por dificuldades na interação social e na comunicação. Os autistas também apresentam uma gama de comportamentos repetitivos, sendo comum entre eles o ato de agitar as mãos e balançar o corpo. Além disso, manifestam interesses restritos e reações incomuns a estímulos sensoriais, devido à hipersensibilidade à luz, sons altos, cheiros e questões táteis.

As dificuldades enfrentadas pelos indivíduos com TEA surgem desde a infância no ambiente familiar e social e, posteriormente, no ambiente escolar, onde os desafios muitas vezes se intensificam. No entanto, há outros contextos que necessitam de adaptação urgente às necessidades desses sujeitos, sejam eles adultos ou crianças, como o ambiente hospitalar. A demanda por atendimento especializado cresce constantemente, não apenas devido às necessidades impostas pelo próprio transtorno, mas também por outras comorbidades associadas.

O objetivo desta pesquisa é compreender os desafios enfrentados, sobretudo, pelas crianças com Transtorno do Espectro Autista, assim como por seus pais, médicos e equipe de enfermagem no ambiente hospitalar.

Busca-se identificar quais medidas e adaptações podem ser implementadas para minimizar os obstáculos que tornam esse espaço um ambiente aversivo para os portadores do TEA, promovendo um tratamento e um local que proporcionem bem-estar e inclusão.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa bibliográfica, baseada na revisão de literatura acadêmica, artigos científicos e documentos institucionais que abordam o TEA no contexto hospitalar. Foram utilizadas bases de dados reconhecidas para a coleta de informações, empregando palavras-chave como "Autismo", "Hospitalar" e "Atenção à Saúde". Essa abordagem possibilita um entendimento amplo dos desafios enfrentados pelos autistas em ambientes hospitalares, além de subsidiar propostas para melhoria no atendimento.

Compreender como oferecer uma assistência eficaz e humanizada é um passo fundamental para o sucesso do tratamento. Atualmente, é imprescindível superar a abordagem puramente descritiva de doenças e considerar o indivíduo de forma holística. No caso dos autistas, não se pode esperar que expressem em palavras seus medos, insatisfações e questionamentos, tampouco compreendam plenamente o que está acontecendo durante uma intervenção médica. Estudos indicam que entre 20% e 50% dos casos de TEA apresentam ausência de comunicação verbal, e, mesmo quando presente, pode ser limitada ou não funcional.

Dessa forma, é essencial que a assistência médico-hospitalar se adapte às especificidades do transtorno, tanto no que diz respeito ao ambiente quanto à forma de interação e tratamento dos pacientes. Reduzir os impactos negativos contribui para um atendimento mais respeitoso e eficaz. O ambiente hospitalar já é, por si só, considerado aversivo para a população em geral; quando se adicionam as dificuldades impostas pelo TEA, essa aversão pode se tornar insustentável, uma vez que autistas apresentam altos níveis de ansiedade e sensibilidade, além de dificuldades em lidar com novas rotinas e mudanças bruscas.

A comunicação é um dos principais desafios enfrentados por ambos os lados, uma vez que muitos autistas têm dificuldades para expressar a própria dor, e a equipe de enfermagem pode não possuir treinamento adequado para utilizar outras formas de comunicação. Nesse contexto, a formação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é de extrema relevância, pois fornece instrumentos para os profissionais, sendo atualmente a abordagem melhor aceita para o tratamento do TEA.

Outras adversidades são frequentemente relatadas, incluindo dificuldades no processamento sensorial. Como mencionado anteriormente, esse é um dos principais desafios da convivência social dos autistas. No ambiente hospitalar, onde o toque constante por parte dos profissionais de saúde é uma necessidade, essa experiência pode se tornar ainda mais aversiva para o paciente.

A espera e as transições dentro do hospital, além do grande fluxo de pessoas nos quartos dos pacientes internados, são fatores estressores que

aumentam a ansiedade e agravam os impactos das mudanças de rotina, tornando a permanência hospitalar ainda mais difícil para o indivíduo com TEA.

Uma nova área do conhecimento que integra arquitetos e cientistas pode ser uma ferramenta valiosa para tornar o ambiente hospitalar mais inclusivo para pessoas com Transtorno do Espectro Autista. A neuroarquitetura busca compreender a interação entre o cérebro e o espaço físico habitado, considerando os estímulos ambientais e seus efeitos sobre os indivíduos. No entanto, sua eficácia depende também da capacitação dos profissionais de saúde, que devem estar preparados para lidar com essa crescente demanda.

Dessa forma, é necessário um esforço conjunto entre gestores hospitalares, arquitetos, psicólogos e profissionais da saúde para garantir um atendimento mais humanizado e eficiente para pessoas com TEA no ambiente hospitalar, promovendo inclusão e qualidade no cuidado prestado. O manejo do Transtorno do Espectro Autista (TEA) dentro dos espaços hospitalares exige uma abordagem multidisciplinar e individualizada, considerando as particularidades sensoriais, emocionais e comportamentais dos pacientes. Entre os principais desafios estão a adaptação do ambiente hospitalar, que muitas vezes não é projetado para atender às necessidades específicas dessas pessoas, e a capacitação contínua dos profissionais para lidar com as demandas do TEA de forma humanizada e eficaz.

A falta de protocolos padronizados para o atendimento de pacientes autistas, a resistência à flexibilização de rotinas e a comunicação entre diferentes especialidades também dificultam o cuidado integral. Além disso, a sobrecarga dos profissionais de saúde pode comprometer a atenção e o tempo necessário para um atendimento mais individualizado.

Dessa forma, torna-se essencial investir em capacitação profissional, adaptações ambientais e protocolos específicos que garantam um atendimento mais acessível e inclusivo. A integração entre equipes médicas, psicólogos, terapeutas ocupacionais e familiares é fundamental para assegurar um cuidado que respeite as necessidades dos pacientes autistas, promovendo maior conforto, segurança e eficácia nos tratamentos hospitalares.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo, Ambiente Hospitalar, Estratégias de Intervenção, Neuroarquitetura.

REFERÊNCIAS

Assumpção JR, F. B.; Pimentel, A. C. M. Autismo Infantil. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22, n. Supl 2, p. 37–39, dez. 2000.

Carolina, A.; Rita; André, M. **Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos.** Disponível em: <https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/record/ufba14_018523e7b91f247ffcd6c342512f1d47>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Conde, M. Et al. Sistematização da assistência de enfermagem a criança autista na unidade hospitalar. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 5, n. 3, 2019.

Estratégias de atendimento a pessoas com o diagnóstico de TEA no ambiente hospitalar. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=ptbr&lr=&id=wkwieaaaqbaj&oi=fnd&pg=pa1&dq=info:na_va5uyh9uj:scholar.google.com/&ots=ofgy2qwa1_&sig=vcay4zswxbmzk2tipd6mt6jxdks#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Silva, T.; Aparecida, A. O estudo da neuroarquitetura empregada a concepção de espaços utilizados por pessoas com transtornos do espectro autista (TEA). **Revista Intellectus**, v. 70, n. 1, p. 94–109, 2023.

Silva; Cruz, I. L.; Caroline, A. Acolhimento e inclusão: atendimento da enfermagem humanizado de pacientes com autismo. **Revista foco**, v. 17, n. 11, p. E6838–e6838, 11 nov. 2024.